



Admonet in somnis et turbida terret image.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 8 DE ABRIL.

A politica dos gabinetes não se avalia *á priori* julga-se pelos resultados. Não importa saber se os poderes publicos obram dentro da esfera das suas attribuições, mas cumpre examinar se do uso immoderado d'uma prerogativa se origina algum abalo social que desarranja todo o corpo politico do estado.

Vertot escreveu nas suas *Revoluções de Portugal* estas palavras — «O resultado ía decidir «em fim se o duque de Bragança merecia o titulo de rei e de libertador da patria, ou o «nome de rebelde e inimigo do estado.» O historiador francez referia-se ao primeiro tronco da dynastia Brigantina quando o duque D. João em 1640 se associou aos conspiradores que livraram o reino do dominio de Castella.

Por estes principios em que assenta o throno da rainha é que nós havemos de julgar o attentado de 6 d'Outubro. — Estava o poder moderador no seu direito? Observaram-se as formulas sacramentaes usadas em taes actos? Pois então é preciso reformar esse direito funesto, e fundar um novo que nos não exponha a futuros perigos. Transcendeu a corôa esse direito? Pois então é preciso punir o excesso, e enfrea-la para que não o repita.

Toda a liberdade tem um prudente arbitrio que a regula, uma liberdade visinha que a limita. «O rei (diz um escriptor celebre) póde «dissolver uma camara, e isso é em caso grave; póde dissolver outra, e isso é uma revolução. « Assim aconteceu agora. A rainha poude usar ou abusar imprudentemente da sua prerogativa, mas o povo poude tambem insurreccionar-se, e usou da sua soberania.

O paiz estava tranquillo e o ministerio suspendeu as garantias, quando só o podia fazer no caso de insurreição. A rebellião, segundo a mesma folha official, é de 9 d'Outubro, e o decreto da suspensão das garantias é de 7! O ministerio obstou á eleição dos deputados, aboliu a carta, assumiu poderes discricionarios, declarou-se legislador sem ser para os casos urgentes, ateou a guerra civil, e lançou a nação na miseria.

A administração odiosa e venal dos Cabraes

tinha finalizado pela anarchia e pela bancarrota. As finanças em 26 de Novembro de 1839 estavam convenientemente reguladas, a junta do credito publico com um excedente, o banco prospero e rico; em Maio de 1846 o banco achou-se fallido, o credito abalado, as companhias perdidas. Estes males fam-se pouco a pouco reparando por economias repetidas, e a sabedoria do congresso concluiria o que as administrações populares haviam começado.

A noute de 6 d'Outubro destruiu tudo. A liberdade foi confiscada. Um bando de gafanhotos cahiu sobre o magro thesouro, ao qual nem as cartilagens nem os ossos lhe deixaram, que a carne já n'um longo periodo de seis annos lha haviam comido. Pozeram em leilão as graças e as mercês, mercadejaram na administração do paiz, rescindiram contractos por dinheiro, augmentaram os ordenados dos empregados publicos sem os poderem pagar diminuidos, augmentaram a nossa divida externa em perto de um milhão de cruzados, arruinaram o publico para salvar o banco e ficaram todos perdidos. As notas estão a 50 por cento, os pobres apparecem mortos em suas casas ou por essas ruas, e os ricos terão a mesma sorte, porque o pão mesmo escaceia e falta. Dinheiro não o tem o povo, mas mandam-no para o Saldanha continuamente, e essa agiotagem immunda lança no mercado notas sem conto, com as quaes vai extorquindo todo o metal, que põe a salvo para ir gastar no estrangeiro.

Esta convicção é geral, não é nossa, é dos partidistas da situação. As acusações partem de todas as boccas, porque a verdade é mui patente para se negar. A fome não respeita mais o ministerial que o opposicionista, e Deos avisa por via della o povo. O clamar contra esse ministerio inepto e tyrannico não póde ser maior.

Appareceu já ahi um boletim alcunhado de cartista bradando contra este estado violento. É a divisão que estalla no campo dos filisteos, é o sentimento commum que suffoca a voz das parcialidades, é o proprio partido cabralista a esbofetear o ministerio. É contradictorio o boletim porque a sua causa é insustentavel, mas retrata ao vivo a situação.

Na parte noticiosa diz que Saldanha *deve* partir com 800 homens inspecionar a divisão do Casal, ficando em Oliveira de Azemeis 3400 homens sob o commando do Vinhaes, ao mesmo passo que dá como certo o mesmo Vinhaes a passar em Montalvão com 250 cavallos para tomar o commando das forças do Alemtéjo!!! Ah! mesmo lêmos o seguinte notavel periodo:

«No Alemtéjo as operações teem sido conduzidas miseravelmente. Os viscondes de Estremoz e de Setubal nada fizeram, e o barão da Foz tambem nada tem feito, nem fará, porque tem medo que lhe queimem a casa e assollem os bens que alli possui; e acrescenta-se que o futuro sogro exigiu d'elle que não operasse nunca activamente. O honrado e valente coronel Moniz acha-se sacrificado. É de absoluta necessidade que vá dirigir as operações do Alemtéjo ou o conde de Vinhaes ou o barão de Ourem. No Alemtéjo temos hoje para cima de 3000 homens de excellente tropa.»

Quando auctoridade tão respeitavel julga assim das operações, o nosso dever é respeitar o julgado. O ex-barão da Foz transige com a opinião publica, e os *pés frescos* do boletim como não teem que perder, desejariam antes que elle deixasse queimar a sua casa e as dos seus visinhos para conservar nos empregos os cabralistas da capital.

Mas vejamos o que na parte politica diz esse boletim. Ei-lo:

Boletim Cartista.

«Temos dado em verdade espantoso documento de paciencia! A causa de 6 de Outubro, essa causa tão rica de meios, e tão oppulenta de esperanças, é hoje quasi uma causa perdida!!

«E por culpa de quem? — por culpa dos homens aos quaes o destino do paiz foi confiado!!

«É escusado relatar o que ninguem ignora; é inutil recordar o que tem estado e está aos olhos de todos.

«A rainha nomeou um ministerio que parecia dever inspirar confiança; mas esse ministerio, á excepção do seu presidente, mostrou-se infinitamente abaixo da missão importantissima que lhe fora confiada. A erros fataes succederam-se novos erros. Os verdadeiros amigos do throno e da patria começaram, não desde logo a receiar, mas a affligir-se por verem as tendencias funestissimas da pessima direcção dada aos negocios publicos. Consternados, mas não querendo que se lhes pudesse imputar (nem ainda sem rasão) algum inconveniente a que o acaso, ou antes novos erros dos ministros arrastassem a causa publica, se por ventura tomassem a attitude que lhes pertencia, contiveram-se angustiados dentro dos limites rigorosos da mais prudente e refletida circumspecção, e limitaram-se a fazer sentir aos ministros que caminhavam erradamente, e era pré-

ciso mudar de rumo; indicaram-lhes os principios, apontaram-lhes os atalhos, que podiam e deviam colloca-los na estrada unica a seguir para assegurar o triunfo para a causa commum, e a prosperidade para a nação. A voz publica, uniforme e constante, bradou alto, e repetiu nas praças o que se dizia nos gabinetes. Os ministros não podiam allegar ignorancia. Mas os ministros a tudo foram surdos; antepozeram a todas as considerações mais justas e mais razoaveis, as pobres, mesquinhas, e até ridiculas e vergonhosas considerações de despeitos pessoases, de *proveitos privados*, de caprichos, de inimizades, de pequenhasas! Entretanto inceñdiava-se a guerra civil, que nunca devêra ter chegado a atear-se!

«Não menos damnosa do que a guerra civil a desordem das finanças, fructo amaldiçoado dos acontecimentos anteriores a 6 de Outubro, veio aggravar os males publicos, e o ministerio, e especialmente o ministro dessa repartição (Souza Azevedo) por incapacidade *senão por piores motivos* em vez de atacar o mal com remedios heroicos, cedendo a suggestões malignas, e repellindo os conselhos previdentes da rasão e da conveniencia publica, lançou mão do veneno em lugar do especifico apropriado, e o enfermo acha-se nas ultimas agonias!

«A guerra civil, que não devêra existir, e que, a ter começado, não devia durar tres mezes, perdura ainda hoje. Os rebeldes neste momento — depois de vencidos em Vianna do Alemtéjo, em Valpassos, em Braga, e completamente derrotados em Torres Vedras — acham-se senhores de quasi todo o Minho, de todo o Algarve, e de boa parte do Alemtéjo! O desgosto é geral; e o esmorecimento que se tem apoderado dos animos menos confiados deve ter promptas e acaso arriscadas consequencias.

«É indispensavel que se reconstrua o ministerio, e que se componha de homens resolutos votados sinceramente á causa em que estamos empenhados, iguaes ás circumstancias em que nos achamos. Dos actuaes ministros, só podem ser conservados o duque de Saldanha, que é a anchora do cartismo, e o conde do Tojal: todos os demais devem ser já demittidos, e contra o visconde d'Oliveira se apresentará opportunamente fundada e terrivel accusação!. . É indispensavel que se adoptem providencias promptissimas, verdadeiramente efficazes para que o povo não pereça á fome, porém tenha o pão de que precisa; e para que os sugadores do sangue da infeliz nação, os agiotas, não continuem com o abominavel jogo que tem feito, e estão fazendo com as notas do banco.

«É indispensavel que a guerra termine quanto antes com honra para o throno, com segurança para a liberdade legal, e com vantagem da ordem e da prosperidade publica!

«Eia, amigos da rainha e dá carta; eis-ahi

os topicos da vossa supplica; rodeai o throno da soberana; invocaí-a, e não cesse o vosso clamor em quanto a soberana vos não tiver attendido; e ella vos attenderá — e seremos salvos!

« Sim, amigos da rainha e da carta, temos a força e os meios necessarios para conseguirmos o que pretendemos, se soubermos usar da nossa força e empregar os nossos meios; saibamos, ousemos, e o resultado será o que desejamos; porém nada precipiteis: ouvi a voz dos vossos amigos, escutai-os, sede firmes — e o triunfo é nosso! »

Ahi fica o retrato do governo feito por mão de mestre, e definida a situação.

O desgosto é geral (di-lo o boletim) e é. A causa de 6 de Outubro está perdida, e a sua politica reaccionaria, despotica e mesquinha está julgada.

Nunca podia triumphar uma causa destas.

Na capital é grande a falta de pão, e nas visinhanças ainda é maior. Em Azeitão custava ante-hontem 100 rs. um pão de arratel.

O *Diario* informa-nos que tivera hontem logar na secretaaia do reino uma reunião para providenciar sobre este flagello. Nós que somos interessados nisso como todo o povo pedimos uma cousa, e é que o governo não se metta em cousa nenhuma. Ainda esses miseraveis não se reuniram para providenciar sobre qualquer ramo do serviço que não o peiorassem. Cada artigo do *Diario*, cada reunião dos ministros e do banco por causa do agio das notas em logar de ter sido cataplasma é um caustico. Assim vai ser agora. — Temos artigo do *Diario*, temos a miseria a crescer. Não vão metter as mãos sujas da agiotagem no alimento do povo, contentem-se com as notas, com o dinheiro, mas deixem livre esse pão negro e mirrado amassado com a agoa das tribulações.

O pão está caro porque as tropas do governo estragam tudo, porque matam e fuzilam os lavradores, porque lhês roubam os seus gados, as sementes, os filhos. O *Espectro* bradou em tempo. *Não mates o teu escravo, que depois morres de fome.* Agora ahi está o resultado do *programma real*.

A foinesahe do paço das Necessidades, sáedas secretarias d'estado, sahe dos commãdos em chefe, das brigadas, das immensas promoções, do recrutamento, e da pessima administração.

A guarda municipal que foi para a outra banda, em Coina comeu, bebeu, entornou vinho pelo chão, quebrou as medidas, e não pagou nada. Em Azeitão fez o mesmo, roubou aos patrões os relojos, lençoos, etc. Por onde passa arraza pomares, arranca arvores, em fim destroe tudo.

Eis-aqui a causa da fome. O que se pratica agora nas visinhanças da cidade faz-se ha seis mezes em todo o reino por onde passam as horas ministeriaes. E este mal ha de durar em quanto os çabralistas estiverem no poder.

O *Diario* escreve cousas muito lindas. No dia 4 do corrente disse elle:

« As noticias do norte do reino são inteiramente satisfactorias. O celebre padre Casimiro bateu os miguelistas mestiços de Braga junto a Xerez, e diz, segundo dalli se refere, que — ou Miguel absoluto ou rainha; porque não entende Miguel republicanisado nem junta do Porto. O famoso tenente amnistiado d'Evora Monte, Villas Boas, comunga os mesmos sentimentos do padre Casemiro em quanto a rejear a liga com a junta do Porto. »

Ora aqui temos nós o *Diario* a congratular-se com os miguelistas que querem só D. Miguel absoluto ou rainha. Estes é que são uns homiensarrões, e pelo menos coherentes, porque entre D. Miguel e D. Maria venha o Diabo e escolha; o que faz alguma differença é a junta do Porto. Foi aquella uma noticia muito satisfactoria para o nosso publicista que pertence áquella raça de que dizia o nosso bom Diniz que costumava o seu superior.

Inda á propria commua acompanha-lo,

E levantar-lhe a fralda do trazeiro,

Lavar-lhe o nedio. . . e até beijar-lho.

Pois é conego em fim e tanto basta.

Depois disto o substituto do *bom Lara* publica hoje um auto d'acclamação de D. Miguel; feito pelos amigos que acabára de elogiar, e que declarára inimigos da junta do Porto, querendo fazer carga a esta daquillo que ha tres dias proclamára como um acto de heroismo praticado contra ella!

O governo lucrava muito em reputação se mandasse callar o prebendado por uma vez para não o comprometter mais. Convém duas cousas ao escriptor publico — vergonha e juiso.

O ministerio hespanhol cahiu. Não temos podido commemorar a crise violenta porque tem passado os nossos visinhos, nem ainda agora o podemos fazer como cumpria, mas diremos em resumo o essencial para avaliar a situação.

Estava alli á frente dos negocios uma facção que se chamava moderada e não era senão absolutista, a qual tinha a rainha n'uma perfeita coacção. Esta pandilha assemelhava-se aos nossos saldanho-cabralistas — tinha os mesmos principios, mostrava as mesmas tendencias, e empregava os mesmos meios para se sustentar no poder. A cabeça desta seita era a rainha-mã, Maria Christina (la madre del pueblo) e o seu era destronarem Izabel 2.^a (a innocente) para collocar no throno o duque de Montpensier, filho mais novo de Luiz Filippe, casado com a herdeira presumptiva do throno d'Hespanha.

O ministerio quiz desfazer-se do progressista Serrano, em quem a rainha depositava a sua confiança, e a rainha não quiz assignar o decre-

to da sua proscricção; o ministerio pediu a sua demissão; a rainha queria dar-lha, mas não havia ministro que quizesse lavar o decreto da exoneração dos seus collegas. Era um ardid indecente que não podia finalizar senão n'uma catastrophe se os seus auctores persistissem nelle. O ministerio ainda recorreu a outro expediente: — foi sollicitar das côrtes um voto de confiança para oppôr á prerogativa da corôa, e esse voto foi-lhe concedido! Ainda mais: o senado applaudiu a proscricção d'um seu membro com o fundamento de que sendo os senadores nomeados pela corôa, ficam sujeitos sempre á veleidade ministerial que os pôde assim separar quando quizer das funcções legislativas!

A Europa presenciou estas scenas de vergonha, ouviu estes principios absurdos; e stygmatisou-os como convinha.

Foi esse o ministerio que acaba de morrer. Pesada lhe seja a terra; maldita a sua memoria.

O novo ministerio é puritano, e o sr. Pacheco é o presidente do conselho.

Por noticias de Cadiz sabe-se que apresentará nas côrtes o seu programma, e que a respeito das relações exteriores dissera « que se ventava em Portugal uma questão grave que tal vez se tornasse questão europêa, mas que o governo de S. M. C. havia de guardar a maior neutralidade no caso de não correr risco o throno de D. Maria, e que como consequencia dessa neutralidade o ministerio mandava destituir immediatamente todas as auctoridades da fronteira que tinham dado ajuda, favor ou auxilio ás tropas do governo de Lisboa, deixando-as possar armadas pelo territorio hespanhol.»

Por este modo acabou a guarida para os latro-facciosos do Casal e de Valença, que terão de se render ás espadas populares, ou ir esconder á Hespanha a sua vergonha.

À ÚLTIMA HORA.

A gente da governança tem andado em passo de cão desde ante-hontem. Dizem por ahi que o marquez de Mello está nos Pegões, quatro legoas d'Aldêa Gallega, o barão de Tavira está ao sul com outra divisão, e que a estas horas se lhe terá reunido a brilhante divisão do visconde de Sá.

Mas nós temos correspondencia de Montemór de 6 pela qual sabemos que naquelle dia ainda allí se achava o marquez de Mello, estando já em correspondencia com o Sá da Bandeira.

O brigue *Vouga* foi fundear junto do Montijo: 3 canhoneiras foram com elle para o mesmo sitio.

Os voluntarios cabralistas ficaram hontem nos quarteis; o marquez de Fronteira teve medo de dormir em casa, e foi ficar no Carmo agarrado a D. Carlos.

A força que daqui sahiu estava ante-hontem em Setubal. A' chamada faltavam mais de 200! Desertaram pelo caminho, e venderam as armas

a 960 e 480; os que não achavam compradores atiravam-nas para o meio dos pinhaes. Naquelle dia era tal o medo que não deixavam entrar ninguem em Setubal, nem as mulheres que iam comprar laranja. Os povos estão desesperados.

Diz-se agora que aquella força já retirára sobre Palmella, e que não tardará em Almada.

Estão a chegar ahi algarvios, como diz o *Diario*, mas são desertados de Santarém d'um batalhão dito do Algarve, mas cuja maior parte é garotada de Lisboa amarrada a cordel por essas ruas.

O commandante do vapor inglez *Phoenix* viu desembarcar o visconde de Sá em Lagos; parece que jantára com elle; e diz que traz uma divisão mui brilhante em disciplina e aceio, sendo o batalhão dos *serexinos* commandado pelo Monte Alverne o que o encantou mais.

As notas esta tarde ficaram de 2\$400 réis a 2\$600!

Deos tenha compaixão de nós, e toque o coração destes Pharaohs, que se perdem, e nos perdem.

ÀS 10 DA NOITE.

Pelo vapôr *Polyphemus* recebemos a nossa correspondencia do Porto a hora muito adiantada. Eis-aqui o que nos diz o nosso correspondente:

«Porto 7 de Abril ás duas da tarde. — O marechal conde das Antas está melhor; conta-se que dentro de poucos dias esteja completamente restabelecido, e é de crêr que então principiem as operações em grande. As nossas forças occupam por ora as mesmas posições; as do inimigo conservam-se estacionarias. João Carlos de Saldanha occupa-se actualmente de um jantar; dizem que o Vinhaes vai tomar o commando das forças do Alentejo, sendo exonerado o Setubal. O castello de Vianna ainda se conserva em poder dos rebeldes. Ha dias para cá que tem soffrido um fogo horrivel das nossas baterias. O combate de Lanhellas desorientou os cabralistas de Valença; quasi todos apenas souberam a noticia ficaram esmorecidos; o Antonio Pereira dos Reis fugiu para Tuy.

Almeida está occupada por forças populares; nossas, e conta-se que as duas Beiras levantem o estandarte da insurreição qualquer dia.

Chegou a esta cidade um navio com armas, espadas, pistolas, correames, polvora e outros objectos; e apesar de estar á vista o bloqueio entrou sem ser incommodado. O official de marinha Salter chegou igualmente vindo de Inglaterra.

Ainda não temos noticias da nossa expedição. Apenas pelos officiaes de marinha ingleza consta que Peniche fora occupada por força nossa. Talvez ahi já tenham conhecimento da mudança ministerial em Hespanha. O novo ministerio foi formado do seguinte modo: — Pacheco, presidente. — Benavides, graça e justiça. — Pastor Dias, commercio. — Mazarredo, guerra. — Sotelo, marinha. — Salamanca, fazenda.

A deserção das fileiras inimigas continúa. Todos os dias se apresentam soldados quer do Saldanha quer do Casal, e até do castello de Vianna teem vindo alguns. Hontem saíu um cahique com armas para as provincias do Sul.»